
Foto: Revista Brasil Mineral

Esteira e pilha de minério de ferro

# Exploração de minério de ferro em Caetité (BA) afeta meio ambiente e comunidades locais

**DATA DE EDIÇÃO**
*14/02/2013*

**MUNICÍPIOS**
*-*

**LATITUDE**
*-14,0547*

**LONGITUDE**
*-42,4744*


**SÍNTESE**

*A Bahia Mineração (Bamin) descobriu uma extensa reserva de minério de ferro na cidade de Caetité, Bahia. A reserva poderá deixar o estado em posição de destaque na mineração nacional, trazendo para Caetité um grande avanço econômico, com oferta de empregos e atração de capitais, importante para o desenvolvimento da região. Contudo, a população local teme desastres ambientais e sociais graves.*


## APRESENTAÇÃO DE CASO

A importância do minério de ferro para a indústria é inquestionável; ele é matéria-prima essencial na produção do aço – quase 98% do que é extraído se aplica a este fim. Por seu destino, o minério de ferro torna-se indispensável às indústrias, principalmente para a automobilística (BAMIN, 2011).

Em Caetité – 2.442,887 km² e 47.515 habitantes (IBGE, 2010) – município localizado a 757 km de Salvador, a Bahia Mineração (Bamin) encontrou reservas de minério de ferro – algo próximo a 10 bilhões de toneladas de concentrado. Esta quantidade seria capaz de fazer da Bahia o terceiro estado em produção do minério no Brasil – atrás apenas de Carajás, no Pará, e do Quadrilátero Ferrífero, em Minas Gerais (BAMIN, 2011).

A empresa prepara-se para iniciar a extração e beneficiamento do minério por meio do Projeto Pedra de Ferro, o qual, apesar das promessas e garantias de infraestrutura, emprego e capitais, tem gerado polêmica entre ambientalistas e populações ribeirinhas, pelas transformações que acarretará ao meio ambiente e à qualidade de vida local (BAMIN, 2011).

A Bamin, no entanto, garante se orientar pela lógica do desenvolvimento sustentável nas localidades onde atua, e assume compromisso de produzir e comercializar o minério de ferro seguindo ética e atitudes socioambientais responsáveis (BAMIN, 2011).

Segundo a empresa, seu projeto procurará minimizar qualquer tipo de impacto na instalação da mina, além de buscar medidas compensatórias para o meio ambiente: recolocação das espécies; análise da qualidade do ar e da água superficial e subterrânea; desenvolvimento de estudos sobre o consumo de energia; da água; direção e velocidade dos ventos; ruídos e demais impactos ambientais potenciais (BAMIN, 2011).


Foto: SECOM-BA

Minério de ferro

Na área social, a empresa promete uso de mão de obra da região, o que geraria impacto econômico significativo, não só em Caetité, mas em pelo menos três municípios do entorno, particularmente nas cidades de Ilhéus, Malhada e Guanambi. Além disso, a Bamin promete oferecer aos moradores da região o Programa de Cidadania e Qualificação Profissional (BAMIN, 2011).

A despeito disso, a Igreja Católica e os ambientalistas destacam não só os possíveis impactos negativos ao ambiente e o crescimento desordenado da região, mas também a pressão psicológica do projeto sobre os agricultores, numa campanha frequente para que a população saia da região e venda suas casas e propriedades para a empresa. A planta da Bamin ocupa 1.820 hectares de área construída e mais 2.106 hectares, afetando, inclusive, as comunidades quilombolas da região (A TARDE, 2009).

Segundo a empresa, os proprietários teriam a opção de receber royalties – 1% do lavrado por dia – pela venda de suas terras. Segundo ela, não há qualquer pressão para a venda e o abandono das casas; a Bamin alega que vai trabalhar com mão de obra de Caetité, por isso não teria sentido obrigar as pessoas a saírem de onde estão (A TARDE, 2009). Há relatos, no entanto, de que famílias teriam deixado suas casas, sob a ameaça de que, se não as vendessem, ficariam ilhadas, no meio do projeto (BENVENUTI, 2011).

A Bamin teria também afetado comunidades negras tradicionais não só em Caetité, mas também em Pindaí (Antas Velhas e Palmitos), e teria causado derramamento de óleo em um poço que abastece a Comunidade de Cachoeira. A reclamação foi feita por moradores da comunidade, durante uma audiência pública. Alega-se ainda que a empresa adquiriu terras de uso comum das populações tradicionais, terras públicas, comprometendo a criação de gado (VILASBOAS, 2009).

Em 2011, uma carta dos representantes das populações atingidas pelas empresas Bamin, Fiol e Porto Sul, oriundas das regiões de Bom Jesus da Lapa, Caetité, Norte de Minas Gerais e Ilhéus, relatava a indignação local diante da degradação socioambiental causada por essas três empresas, particularmente a Bamin. Segundo o documento, as obras estariam sendo licenciadas e executadas com desrespeito à natureza e à vida das populações do seu entorno. Desmatamento, poluição, extinção de ecossistemas raros e expulsão de comunidades inteiras de pescadores, índios, quilombolas, assentados e camponeses seriam sinais de um grande desastre (CARTA DOS ATINGIDOS PELA BAMIN-FIOL-PORTO SUL, 2011).

A carta chamava atenção para a situação de insegurança de milhares de famílias de Caetité até Ilhéus, todas ameaçadas de perder suas casas e campos de trabalho, para a execução dos projetos da empresa, os quais, segundo os representantes, beneficiariam única e exclusivamente a ela (CARTA DOS ATINGIDOS PELA BAMIN-FIOL-PORTO SUL, 2011).

Todo o aparato logístico criado para escoamento da produção, a construção da Ferrovia de Integração Oeste-Leste (Fiol), e também do aqueduto para obtenção de água no rio São Francisco e do Porto Sul em Aritaguá, no município de Ilhéus, provocaria, segundo a carta, estragos enormes em Caetité. A carta afirma que as promessas de progresso e emprego não foram cumpridas, e que o complexo de obras demonstra uma visão ultrapassada de desenvolvimento, que não corresponde ao progresso desejado pelas comunidades (CARTA DOS ATINGIDOS PELA BAMIN-FIOL-PORTO SUL, 2011).

Além dos problemas sociais, o projeto da Bamin significaria também, segundo ambientalistas, transtorno ao rio São Francisco, que deverá ceder 765 m³ de água por hora, canalizadas num imenso duto com 150 km de extensão, indo até Malhada (BA). Para os ambientalistas, isso acarretará não só uma perda de volume de água significativo, mas também a poluição e o rebaixamento dos lençóis freáticos do Velho Chico – para a extração de ferro, a empresa terá de rebaixar a água subterrânea em 300 metros, reduzindo os lençóis freáticos em até 33%. Mesmo a Prefeitura de Caetité vê problemas na construção do duto. Trata-se de uma região que sofre de escassez de água, onde só os que possuem reservatórios conseguem lidar com os problemas da seca. Os que não possuem, sofreriam consequências ainda mais pesadas com a falta de água (A TARDE, 2009).




Estima-se que as construções da mina, do tanque de rejeito e da área de depósito da pilha de estéril iriam destruir nascentes, parques paleontológicos, fauna e flora local – e provocar a contaminação e morte de aguadas, dentre outros. O tanque de rejeito seria construído na área de nascentes e sobre o leito do rio Pedra de Ferro, deixando sob risco o abastecimento de várias comunidades do entorno, sobretudo a região de Guirapá, que tem como principal atividade a agricultura irrigada do alho e outras culturas. O perigo poderá se estender aos rios que fazem parte da Bacia do São Francisco (VILASBOAS, 2009).

Outro ponto de desacordo entre empresa e ambientalistas: a Bamin reivindica 80 hectares ao norte de Ilhéus, numa área próxima ao porto, onde há uma reserva de Mata Atlântica. A empresa argumenta que as reservas preservadas não só em Mata Atlântica, mas no Cerrado e na Caatinga, estão em regiões da mineradora. As demais teriam sido profundamente afetadas pela criação de gado (A TARDE, 2009). O projeto incluiria, além do duto e das demais estruturas, a construção

de uma ferrovia entre Ilhéus (BA) e Alvorada (TO), necessária para o escoamento do minério (A TARDE, 2009).

Mesmo a oferta de emprego garantida pela empresa não deixa os críticos do projeto satisfeitos. A Articulação no Semiárido (ASA) e o Movimento Porto Sul argumentam que a oferta inicial de empregos seria alta, mas logo se veria reduzida, deixando como subproduto uma grande parcela de desempregados (A TARDE, 2009).

Calcula-se que os empregos previstos com o empreendimento da Bamin seriam irrelevantes frente ao número de empregos gerados pela agricultura familiar, prejudicada com o projeto (VILASBOAS, 2009).

A empresa argumenta, no entanto, que o excedente de mão de obra seria absorvido, já que o projeto incluiria um curso de capacitação profissional. Só a construção e a operação prevêem a absorção de 85% e 70% de trabalhadores da região (A TARDE, 2009).

Os efeitos da Bamin já se fazem sentir. Em suas propriedades, há casas em ruínas, escolas abandonadas e criações largadas para trás. Comunidades quilombolas que resistem parecem tentadas a aceitar as ofertas da empresa. A Bamin já comprou algumas propriedades, fazendo com que os moradores se movam para a cidade, onde, a despeito de estarem em novas moradias, obtidas com o dinheiro da compra de suas antigas casas, vivem sem poder roçar ou garantir uma sobrevivência autônoma (A TARDE, 2009).

Dentre as condicionantes sociais impostas à empresa, estava o reassentamento das 30 famílias deslocadas de Antas Velhas e Palmitos. Segundo um dos moradores, a empresa teria prometido trabalho, cesta básica, médico, mas nada havia sido feito (BENVENUTI, 2011).

Esse mesmo morador recebeu uma indenização no valor R$ 100 mil, quantia suficiente apenas para comprar um terreno e construir uma nova casa. A promessa da empresa era não só garantir a compra do terreno e da casa, mas dar condições para que as famílias mantivessem suas plantações – garantir o sustento delas. No entanto, muitas delas não teriam recebido sequer a terra (BENVENUTI, 2011).



Reserva de minério de ferro em Caetité

A despeito de toda a polêmica e discussão, a futura extração de minério de ferro em Caetité já teria ajudado o governo da Bahia a viabilizar economicamente duas das principais obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC): a Ferrovia de Integração Oeste-Leste (Fiol) e o Porto Sul. A ferrovia, com 1,527 mil km, ligará as cidades de Ilhéus, Caetité e Barreiras, na Bahia, a Figueirópolis, em Tocantins. O complexo portuário de Ilhéus inclui o terminal ferroviário da Fiol, um porto offshore, o retroporto, uma rodovia, um aeroporto internacional e o terminal privativo da Bamin (MINERIOS e MINERALIS, 2011).

Para a bióloga Susana Pádua, a Bamin estaria se beneficiando gratuitamente de uma infraestrutura que consumiu R$ 6 bilhões em dinheiro público, recursos que equivalem a aproximadamente um terço do orçamento anual do estado (PÁDUA, 2011).

Segundo ela, mesmo o porto significaria um grande problema ambiental. Para atracar navios do tamanho necessário para o carregamento de minério, seriam necessários um píer offshore com um quebra-mar de 1 km de extensão, com 366 metros de largura na base, e 24 metros de altura (dos quais 2 ou 3 metros acima do nível do mar), numa distância de 3 km da praia. Todo esse conjunto de obras causaria um imenso impacto ecológico, pois, alteraria o movimento das marés, gerando assoreamento em determinados locais, e a invasão do mar sobre o continente, em outros, acabando com as praias e com casas localizadas à beira-mar (PÁDUA, 2011).

## LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

A exploração do minério de ferro em Caetité (latitude 14°3'17''S e longitude 42°28'28''W) situa-se numa área inserida na bacia hidrográfica do rio São Francisco.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A TARDE. Bahia, Mineração traz medo e esperança para Caetité. CPT (Comissão Pastoral da Terra), Bahia. Salvador, 17 ago. 2009. Disponível em: http://www.cptba.org.br/joomla15/index.php?option=com_content&view=article&id=183:mineracao-traz-medo-e-esperanca-para-caetite&catid=10:clipping&Itemid=27. Acesso em: 15 dez. 2011.

BAMIN, Bahia Mineração. Bahia Mineração transformará estado em terceiro produtor de minério de ferro do país. Salvador, 2011. Disponível em: http://www.bamin.com.br/artigos/Release%20Institucional%20BAMIN.pdf Acesso em: 15 dez. 2011.

BENVENUTI, Patrícia. Famílias reassentadas reclamam de falta de assistência. Brasil de Fato, São Paulo, 23 dez. 2011. Disponível em: http://www.brasildefato.com.br/node/8553 Acesso em: 22 dez. 2011.

CARTA DOS ATINGIDOS PELA BAMIN-FIOL-PORTO SUL (BA). Justiça nos trilhos. Ilhéus, 28 out. 2011. Disponível em: http://www.justicanostrilhos.org/nota/836. Acesso em: 15 dez. 2011.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Caetité (BA). In: IBGE Cidades 2010. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?codmun=290520&r=2. Acesso em: 22 dez. 2011.

MINÉRIOS & MINERALIS. Bahia de todos os minérios. In: Mining.com, 11 out. 2011. Disponível em: http://noticiasmineracao.mining.com/2011/10/11/bahia-de-todos-os-minerios/. Acesso em: 15 dez. 2011.

PÁDUA, Suzana. Porto Sul - Ganhos para quem? Perdas para todos? O Eco, 11 jun. 2010. Disponível em: http://www.oeco.com.br/suzana-padua/24046-porto-sul-ganhos-para-quem-perdas-para-todos. Acesso em: 15 dez. 2011.

VILASBOAS, Zoraide. Adiada a discussão do licenciamento da exploração de

ferro em Caetité. Ecodebate, Bahia, 22 dez. 2009. Disponível em: http://www.ecodebate.com.br/2009/12/22/adiada-a-discussao-do-licenciamento-da-exploracao-de-ferro-em-caetite-bahia/. Acesso em: 22 dez. 2011.